

FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA: HORIZONTE HISTÓRICO E CONDIÇÃO ONTOLÓGICA DE INDETERMINAÇÃO

Foundations for a phenomenological-hermeneutic psychopathology: historical horizon and ontological condition of indeterminacy

Fundamentos de una psicopatología fenomenológico-hermenéutica: horizonte histórico y condición ontológica de indeterminación

CAROLINE GARPELLI BARBOSA

Resumo: O presente artigo discute a psicopatologia fenomenológica à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, com o objetivo de mostrar que, no interior dessa visão, os fenômenos psicopatológicos não são compreendidos como entidades abstratas, genéricas e universais, mas pensados a partir da condição ontológica de indeterminação, bem como dos horizontes históricos. Tal concepção promove uma discussão relevante para os dias atuais, haja vista o predomínio de visões demasiado pragmáticas, técnicas, reducionistas e objetificantes acerca do sofrimento. Para isso apresenta um breve histórico da psicopatologia fenomenológica, com o fim de situá-la e marcar sua especificidade em relação a outras psicopatologias; discute, a partir da visão heideggeriana, o modo de ser do existente humano, com especial ênfase à condição ontológica de indeterminação. Por fim, descreve e sintetiza a compreensão de alguns fenômenos psicopatológicos à luz do olhar heideggeriano, problematizando-os no contexto do atual horizonte histórico.

Palavras-chave: Psicopatologia; Psicologia Fenomenológica; Heidegger, Martin, 1889-1976

Abstract: This article discusses phenomenological psychopathology in the light of Heideggerian hermeneutic phenomenology, with the aim of showing that, within this vision, psychopathological phenomena are not understood as abstract, generic and universal entities, but thought of from the ontological condition of indeterminacy, as well as historical horizons. This conception promotes a relevant discussion for today, given the predominance of overly pragmatic, technical, reductionist and objectifying views about suffering. To this end, it presents a brief history of phenomenological psychopathology, in order to situate it and mark its specificity in relation to other psychopathologies; discusses, from a heideggerian perspective, the way of being of the human being, with special emphasis on the ontological condition of indetermination. Finally, it describes and summarizes the understanding of some psychopathological phenomena in the light of the heideggerian perspective, problematizing them in the context of the current historical horizon.

Keywords: Psychopathology; Phenomenological Psychology; Heidegger, Martin, 1889-1976

Resumen: Este artículo analiza la psicopatología fenomenológica a la luz de la fenomenología hermenéutica heideggeriana, con el objetivo de mostrar que, dentro de esta visión, los fenómenos psicopatológicos no son entendidos como entes abstractos, genéricos y universales, sino pensados desde la condición ontológica de indeterminación, así como horizontes históricos. Esta concepción promueve una discusión relevante para la actualidad, dado el predominio de visiones demasiado pragmáticas, técnicas, reduccionistas y cosificantes sobre el sufrimiento. Para ello, presenta una breve historia de la psicopatología fenomenológica, con el fin de situarla y marcar su especificidad en relación con otras psicopatologías; analiza, desde una perspectiva heideggeriana, el modo de ser del ser humano, con especial énfasis en la condición ontológica de indeterminación. Finalmente, describe y resume la comprensión de algunos fenómenos psicopatológicos a la luz de la perspectiva heideggeriana, problematizándolos en el contexto del horizonte histórico actual.

Palabras-clave: Psicopatología; Psicología Fenomenológica; Heidegger, Martin, 1889-1976

Historicamente, o início da psicopatologia fenomenológica tem como marco para seu surgimento a publicação da obra *Psicopatologia Geral* (1913), de Karl Jaspers (1883-1969), autor que, influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), teve como proposta desenvolver uma ciência autônoma e independente, que pudesse fornecer um fundamento epistemológico e empírico mais acurado para o desenvolvimento do campo da psicopatologia e das práticas da psiquiatria destinadas ao cuidado e tratamento das chamadas doenças mentais (Messas, 2008). Contudo, da mesma forma que a fenomenologia enquanto movimento filosófico não se trata de um movimento unívoco, uma vez que abarca uma série de autores e autoras que compreendem o conceito de fenomenologia e de método fenomenológico de modos diferentes, o mesmo pode ser dito em relação à psicopatologia e, também, à psicopatologia fenomenológica. Assim, se não é possível falar *da* fenomenologia, no singular, mas sim de fenomenologias, no plural, com o campo da psicopatologia fenomenológica não é diferente, haja vista que ele abarca diversas correntes e acepções distintas. Tendo isso em vista, no presente texto discutirei a psicopatologia fenomenológica à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, com o objetivo de mostrar que, no interior dessa visão, os fenômenos psicopatológicos não são compreendidos como entidades abstratas, genéricas e universais, mas são pensados a partir daquilo que constitui o existente humano em seu aspecto mais originário e fundamental, a saber, a condição ontológica de indeterminação, bem como os horizontes epocais. Tal concepção promove uma discussão relevante para os dias atuais, haja vista o predomínio de visões demasiado pragmáticas, técnicas, reducionistas e objetificantes acerca do sofrimento. Para levar adiante tal discussão, em primeiro lugar, este texto apresentará um breve histórico da psicopatologia fenomenológica, com o fim de situá-la e marcar sua especificidade em relação a outras psicopatologias. Em segundo lugar, apresentará, a partir da visão heideggeriana, o modo de ser do existente humano, com especial ênfase naquilo que lhe constitui de modo mais fundamental, que é a condição ontológica de indeterminação ou negatividade. Por fim, discutirá alguns fenômenos psicopatológicos à luz do olhar heideggeriano, não com o intuito de apresentar categorias diagnósticas, mas sim de compreendê-los à luz da condição ontológica de indeterminação, bem como problematizá-los no contexto de nosso atual horizonte histórico.

Contextualização Histórica

De acordo com Rodrigues (2020), a psicopatologia pode ser considerada uma disciplina científica cujo fim é estudar a doença mental a partir de seus vários aspectos, desde sua gênese, suas alterações estruturais e formas de manifestação,

até os possíveis métodos para investigá-la. Por conta disso, trata-se de um campo marcado por uma multiplicidade de perspectivas teóricas, algumas muito diferentes entre si. Apesar dessa diversidade, de modo geral predominou a divisão em dois grandes grupos, a saber, as psicopatologias explicativas e as descritivas. Em suma, o modelo explicativo procura delimitar o quadro geral daquela patologia, bem como explicitar sua etiologia e condicionantes, conduzindo a explicação de certa patologia ao referencial teórico que lhe sustenta, tal como ocorre com a psicopatologia psicanalítica, por exemplo. Historicamente, contudo, os modelos explicativos têm sido julgados como pouco precisos, tendo em vista a vasta gama de possibilidades de fundamento teórico que lhes orientam (Rodrigues, 2020). O modelo descritivo, por sua vez, abarca modelos que tentaram superar esse problema da falta de precisão dos modelos explicativos e que tiveram como fundamento primeiro de sustentação e orientação a psicopatologia fenomenológica desenvolvida por Jaspers. Em 1913, com a elaboração da *Psicopatologia Geral*, Jaspers (1942-1977) tenta aproximar o método fenomenológico de Husserl com a investigação psiquiátrica, sendo pioneiro não apenas nessa direção, como, também, na tentativa de encontrar uma base teórica para a psicopatologia, desenvolvendo-a de modo autônomo e independente em relação à psiquiatria (Caldas, 2009; Pereira, 1998). Para Jaspers, o objeto da psicopatologia seria a consciência humana e suas manifestações tais como vivenciadas pelos sujeitos em seu estado mental imediato. Para ele, a psique humana não poderia ser reduzida a um objeto natural, uma vez que não poderia ser tomada com algo substancial e definitivo. E se as coisas são dessa forma, a descrição objetiva da psique não poderia se dar de modo objetivo (Pereira, 1998; Rodrigues, 2020). Assim, se não se pode descrever objetivamente o fenômeno psíquico, ele exige uma descrição de outra natureza que passa por uma descrição compreensiva, que aborde as experiências subjetivas do paciente a partir da aproximação intuitiva por parte do investigador psicopatológico. Este, ao estar em contato profundo com a pessoa em sofrimento, acessará suas vivências pela via da empatia. Isso quer dizer que as descrições que Jaspers buscava não eram objetivas, mas, sim, descrições das vivências, dos fenômenos vividos pelos pacientes, a fim de apreender uma espécie de lógica compreensiva dos estados psíquicos em certos processos de adoecimento (Caldas, 2009). Como sintetiza Pereira (1998) “a compreensão jasperiana implica um método aproximativo que visa captar o sentido das experiências daquele que sofre. Ela é aproximativa pois, tal como pensa Jaspers, o homem é irredutível à objetividade conceitual”.

O trabalho de Jaspers (1913) inaugurou um campo fértil para o desenvolvimento das várias psicopatologias fenomenológicas, abrindo caminhos

para autores como Minkowski, Binswanger, Von Gebsattel, Strauss, Kimura, entre outros, que não apenas procuraram desenvolver uma psicopatologia de fundamento husserliano, como também ancorada no pensamento de Martin Heidegger. Por outro lado, Rodrigues (2020) destaca o quanto a psiquiatria contemporânea acabou por se apropriar da proposta descritiva trazida por Jaspers a fim de desenvolver um modelo psicopatológico que fosse atóxico, restrito a descrições sintomáticas e neutras, unicamente com o fim de descrever, agrupar e categorizar sintomas em classes diagnósticas. Essa proposta que, segundo o autor, tem início na década de 1980 com a terceira edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM) e se mantém até hoje, parte do princípio de que modelos atóxicos, descritivos e que não falam sobre a gênese dos fenômenos psicopatológicos, possibilitariam diagnósticos mais seguros e eficazes. Como se pode observar, esse modelo atual se apropria da visão descritiva de Jaspers, desconsiderando por completo que, para este autor, a vida psíquica não poderia ser objetificada (Rodrigues, 2020). Como consequência de tal apropriação, foram criadas uma centena de transtornos que acabam por abordar o adoecimento na esfera psi como uma entidade abstrata, genérica e a-histórica, perdendo de vista e deixando veladas algumas dimensões fundamentais das experiências de sofrimento, em particular, o não questionamento sobre o modo de ser do ente humano, bem como o horizonte histórico e epocal em que a existência se realiza.

Pereira (1998) destaca o quanto o uso da expressão “psicopatologia” passou a ser usada como se houvesse algum tipo de sentido comum para ela, sem que se especifiquem e nem se demarquem a quais conteúdos semânticos se referem. Um exemplo dado pelo autor diz respeito ao uso da terminologia “depressão”, a qual pode não ter correspondência entre visões tão distintas como as das neurociências e as da psicanálise, ou ainda, da fenomenologia-existencial. Assim, se por um lado, a perspectiva atórica do DSM busca solucionar esse impasse, propondo que haja um acordo mínimo entre as várias disciplinas desse campo em relação ao menos à descrição dos sintomas, por outro, ela promove uma marginalização de campos discursivos que não se enquadram no modelo das ciências naturais, o qual nitidamente está no fundamento dessas descrições e em seus critérios de evidência científica. Isso quer dizer que, ainda que seja intitulada como atórica, a psicopatologia do DSM está comprometida como uma epistemologia e uma metodologia de cunho pragmático e experimental (Pereira, 1998). Por isso, cabe a uma psicologia de abordagem fenomenológico-existencial especificar seus fundamentos de base a fim de pensar em seu horizonte epistemológico, quais as implicações existenciais presentes nos sintomas de certas

configurações psicopatológicas, bem como, de que maneira seu método de aproximação e de cuidado do sofrimento precisa ser coerente e consistente com seu fundamento teórico, o qual não encontra ressonâncias no modelo pragmático do DSM. É o que buscaremos explicitar nos tópicos a seguir, a partir de vários autores que têm debatido a psicopatologia de fundamento heideggeriano.

Fundamentação Filosófica a partir de Heidegger

Para falar acerca do modo de ser do ente humano e de como é possível pensar uma psicopatologia fenomenológica e os consequentes transtornos existenciais a partir de uma perspectiva coerente com a visão heideggeriana, primeiro é preciso compreender como Heidegger apresenta o ente que nós mesmos somos e, em segundo lugar, abordar também a discussão heideggeriana sobre a época da técnica, uma vez que essa discussão pode trazer luz sobre o nosso horizonte histórico-epocal contemporâneo.

Partiremos da obra fundamental, *Ser e tempo* (1927), que traz, a partir da analítica existencial, o modo de ser do existente humano apresentado por Heidegger (1927-2012) como ser-aí. Em sua obra, o filósofo procura encontrar, no modo de ser do ser-aí, o caminho para o desenvolvimento de uma ontologia fundamental, uma ontologia que permitisse avançar em direção à pergunta “como algo como o ser pode vir a se tornar questão?”. Esse projeto de ontologia fundamental caminha a par e passo com um projeto já iniciado anteriormente por Heidegger no contexto da obra *Interpretações fenomenológicas de Aristóteles* (1922/2011), qual seja, o projeto de uma hermenêutica da facticidade. No texto em questão, Heidegger apresenta a interpretação como um modo de clarificação e explicitação da situação hermenêutica em que a vida se movimenta. Para que isso seja possível é preciso, em primeiro lugar, rejeitar explicações teóricas e universais para falar da vida fática e, em segundo lugar, fazer um movimento de retorno à situação hermenêutica concreta em que ela está inserida. Esse retorno, por sua vez, implica considerar que existir é sempre já se mover em horizontes compreensivos em meio aos quais as possibilidades abertas ali vão sendo atualizadas. Ou seja, o existente humano já sempre se move em meio a uma compreensão de ser, compreensão essa que, tal como explicita Borges-Duarte (2022), acontece no interior de um ponto de vista, de uma perspectiva e de um horizonte de sentido delimitado e determinado previamente por ambos, bem como pela historicidade que os fundamenta.

Isso no projeto heideggeriano de *Ser e Tempo* significa que, se o existente humano é o único capaz de colocar a pergunta pelo sentido do ser, e se essa pergunta se manteve no esquecimento, sem poder ser

colocada como a questão inaugural da filosofia uma vez mais, isso quer dizer que o esquecimento do ser não se trata de uma questão teórica pura e simples, mas, sim, que está enraizada no modo de ser do próprio ser-aí que, ao existir, atualiza possibilidades abertas pelo campo de sentidos no qual se encontra. E se as coisas se dão desse modo, então é preciso explicitar o modo de ser deste ente a fim de entender como, no existir dele, esse esquecimento se dá. Em linhas gerais esse é o projeto de *Ser e Tempo* e é essa problemática que conduz Heidegger ao desenvolvimento da Analítica Existencial.

Heidegger (1927-2012) apresenta o *Dasein* [ser-aí] como abertura (*Erschlossenheit*), ou seja, como o *aí* onde o *Ser* se dá. O *Dasein* [ser-aí], em seu modo de ser, “tem de se haver ele mesmo com seu ser” (Heidegger, 1927/2012, p. 139). Isso quer dizer que o existente humano traz em seu ser a tarefa de ser e que, portanto, não tem como ser apreendido mediante alguma definição em termos de propriedades ou categorias previamente estabelecidas, mas, sim, que seu ser deve ser conquistado a cada vez. Por isso a famosa afirmação heideggeriana de que “a ‘essência’ do *Dasein* [ser-aí] reside em sua existência” (Heidegger, 1927/2012, p. 139, grifos do autor). Existência, segundo Casanova (2021):

É uma palavra que provém de dois termos gregos: o prefixo *ek-* e o verbo *istemi*. *Ek-* é por um lado uma preposição que indica movimento para fora; *istemi*, por outro lado, é um verbo que significa entre outras coisas ‘encontrar-se’, ‘colocar em um lugar’, ‘estar’. (p. 55)

Assim, etimologicamente, existência quer dizer “ser (encontrar-se) para fora” (Casanova, 2021, p. 55), isto é, projetar-se para além de si, em direção ao fora, pois sendo apenas sua própria dinâmica *ek-stática*, o ser-aí não tem nenhuma determinação natural, ou uma essência quiditativa. Ele é simplesmente um poder-ser, marcado fundamentalmente por uma indeterminação originária radical, ou uma nadaidade ontológica originária, para usar a expressão de Casanova (2021). Por isso, o ser-aí é apenas suas possibilidades de ser.

Uma vez que o ser-aí já se encontra sempre na abertura do “aí”, em um movimento de ultrapassagem que apenas pode se dar em direção a um campo que está para além dele, Heidegger também o apresenta como um ser-no-mundo-com-os-outros, uma vez que é em meio ao horizonte de sentido dado por esse *aí* que ele encontra as orientações para os seus modos de ser. É no mundo e no horizonte de sentido que chega a partir dele, que o existente encontra as determinações em virtude das quais ele orientará e projetará o seu existir.

Porquanto existe, o ser humano já sempre se acha em contato com o mundo histórico que é o dele,

de tal forma que ele nunca é pura e simplesmente poder-ser, mas sempre é necessariamente poder-ser em meio à realização de possibilidades de ser de antemão estabelecidas em seu mundo. (Casanova, 2021, pp. 62-63)

Isso é a facticidade do existir: estar sempre lançado e tendo que existir a partir de sentidos historicamente sedimentados. Esses sentidos, contudo, “possuem, por sua vez, um efeito normalizante e normatizante sobre o existente humano” (Casanova, 2021, pp. 62-63).

Desse modo, ainda que o ser humano não possua determinações naturais e seja tão somente os seus modos de ser, o mundo normatiza e normaliza seus comportamentos, trazendo também uma aparente tranquilização ao existente, na medida em que estabiliza seus modos de ser, confere familiaridade e ritmo à dinâmica existencial. Sendo a partir desses horizontes previamente estabelecidos, o existente geralmente se encontra alienado de sua própria condição existencial, decaído na ditadura do impessoal e repetindo a hermenêutica cotidiana. Normatizado, o existente se confunde com seus modos de ser, identificando-se com estes.

Apesar da normatização e do existente se confundir com seus modos de ser, julgando em grande parte das vezes possuir uma identidade sólida, o existente humano nunca perde a estranheza e a estrangeiridade fundamental que lhe constitui em seu ser. De modo que sempre há a possibilidade de manifestação da negatividade originária, que escapa a qualquer tentativa de definição e que, por isso mesmo, está constantemente em vias de se manifestar. Daí podermos afirmar que a existência é fundada em uma precariedade constitutiva; em uma condição ontológica de desabrigo a qual revela que existir é sempre se encontrar em meio uma tensão entre a familiaridade e a estranheza, a segurança e a insegurança, o estar abrigado e o estar lançado à indeterminação. De acordo com Barbosa (2020), cada pessoa habita um mundo histórico a partir do qual vai construindo sua morada e encontrando abrigo no corpo, nos outros, em seu próprio horizonte existencial e no abrigo identitário que ali vai sendo tecido. As identidades assumidas, contudo, sempre são uma habitação precária, uma vez que é assentada na condição ontológica de desabrigo e atravessada por ela em sua totalidade. Isso quer dizer que, mesmo sendo abertura ao mundo, o ser humano assume identidades, as quais, embora sejam transitórias, precárias e paradoxais, ainda se constituem como abrigos sem os quais talvez o sentimento de continuidade de si levaria a experiências desintegradoras para algumas pessoas, a depender da situação fática concreta habitada por elas.

Algo semelhante diz Casanova (2021) ao afirmar que a existência é transitoriedade, uma vez que ela nada mais é que modos de ser que, no limite, mesmo

quando cristalizados e rígidos, não são mais um jogo de relações em constante movimento. Assim, ainda que assuma certos modos de ser, o existente jamais encontra nesses modos a resposta definitiva, a determinação absoluta, de sorte que sendo de tal ou tal forma, ele também poderia ter sido ou vir a ser de qualquer outra maneira. Por isso, o fantasma da indeterminação e do possível está sempre à espreita, relativizando e colocando em xeque cada uma das determinações que assume. Nesse sentido, existir é sempre se ver diante da possibilidade da emergência de crises na estabilidade cotidiana e nos modos cotidianos de ser. É a nadidade fundamental que atravessa tudo, que impõe a instabilidade em nossa vida ôntica cotidiana, tornando a existência marcada pelo desassossego e inquietação, ainda que velados, mas que a qualquer momento pode se impor.

Em *Ser e tempo*, Heidegger apresenta que essas crises acontecem a partir da tonalidade afetiva fundamental da angústia, a qual suspende o poder prescritivo do mundo sobre o existente, retirando-lhe a familiaridade e lançando-o de volta à sua própria estranheza, à sua condição fundamental de nunca ser totalmente em casa. A angústia é uma espécie de experiência limite que revela o quanto a existência se dá sobre um terreno de insegurança ontológica a partir do qual sempre há a possibilidade de emergir o elemento de alteridade, estranheza e indeterminação. Como afirma Heidegger (1927/2012), “na angústia, ele [ser-aí] sente-se ‘estranho’. Nisto se exprime de imediato a peculiar indeterminidade do que o Dasein [ser-aí] encontra na angústia: o nada e o em parte alguma. Mas o estranhamento significa, então, ao mesmo tempo, o não-estar-em-casa” (p. 527). A angústia se dá pelo próprio estar no mundo e diante da própria existência. Contudo, na maior parte das vezes ela acaba sendo interpretada como medo, isto é, como sendo ocasionada por um ente específico e determinado do mundo e não pelo aberto do existir. Sendo apropriada pelo temor, cria-se a ilusão de que o temido poderia ser controlado e, com isso, perde-se também o caráter disruptivo e de abertura que pode emergir com a angústia (Rodrigues, 2020). O modo como o existente lida com a emergência ou possibilidade de emergência dessas crises, ou dos anúncios de angústia, tem estreita relação com algumas manifestações psicopatológicas, como veremos mais adiante, sobretudo aquelas tradicionalmente chamadas de neurose.

Até o momento apresentamos como a nadidade ontológica originária se organiza por meio da hermenêutica cotidiana. Contudo, para além desse modo de organização, a existência também se organiza por meio da fenomenalidade epocal, uma vez que o horizonte impessoal fático se encontra originariamente vinculado a uma medida histórica específica com raízes ontológicas na tradição, que dizem como se normalizam e se normatizam certos comportamentos em geral. Isso quer dizer que o

mundo também é ontologicamente indeterminado, posto que também é histórico, isto é, cada mundo é tão somente o despontar de uma medida vinculadora que sustenta como algo se mostra (Casanova, 2021). Em nossa época atual, vivemos a medida histórico-epocal da técnica moderna, discutida e apresentada por Heidegger (1954/2007) em *A questão da técnica*, quando ele a apresenta a essência da técnica como um modo de desvelamento do ser em que as coisas e, inclusive, o próprio ser humano se manifestam. No caso específico da técnica moderna, ela se trata de um modo peculiar de desvelamento em que tudo o que aparece e vem a ser se dá a partir da lógica da exploração, da transformação, do armazenamento e do “desafiar <Herausfordern> que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal” (Heidegger, 1954/2007, p. 381). Assim, tudo se mostra como algo passível de ser controlado e submetido às leis da causalidade e produtividade, como um sistema disponível de informações. O grande perigo disso, de acordo com o filósofo, é a sedutora ilusão que o existente humano passa a ter de que domina a terra e de que tudo ali é feito por ele, como se pudesse a tudo controlar e explorar, inclusive, a própria vida humana. Com isso, corre-se o risco de que os humanos não mais deem conta de serem solicitados como o ek-sistente que é, podendo corresponder a outros modos de ser que não esse da técnica moderna.

Segundo Casanova (2021), no mundo contemporâneo, essa racionalidade técnica ganha alguns contornos próprios, passando também a ser marcada pela lógica “da funcionalidade, do gigantismo, da velocidade, da aceleração, da cibernética e da lida logística com todas as conjunturas propriamente ditas do existir” (p. 104), o que traz algumas implicações para o modo como a experiência de organização espaço-corpo-tempo se dá. Para o autor, na contemporaneidade, tudo vem a ser em um devir infinito e vertiginoso no qual nada se retém; nada dura; nada deixa se determinar. Com isso, tudo se torna obsoleto, de forma que os espaços não mais se constituem como lugares onde se possa habitar e construir morada. Quanto ao tempo, tudo se passa como se o porvir avançasse de modo opressor sobre o presente e rapidamente lançasse tudo para o campo do já sido, daquilo que foi, mas que por ter sido tão fugaz e tão rápido, não deixa nenhuma marca (Casanova, 2021). Os corpos, por sua vez, procuram se adequar a esse ritmo e a esses espaços inóspitos, de modo que geralmente são assumidos como corpos mais ou menos aptos para funcionarem de acordo com a lógica técnica, tendo que responder com potência e vigor, mesmo que muitas vezes sejam experienciados como corpos frágeis, atravessados pela impotência e desapropriação.

Dessa forma, ao apresentarmos alguns fenômenos psicopatológicos a partir dos fundamentos que estamos discutindo, vale ressaltar que não estamos

apresentando categorizações abstratas e coisificadas, mas procuraremos trazer luz às dimensões ôntico-ontológicas que subjazem tais experiências. Adoecer é um modo de ser; um modo de realizar o próprio existir. Sendo abertos aos sentidos e compreendendo esses sentidos, estamos constantemente interpretando o que nos chega na abertura que somos, tendo que corresponder ao que somos interpelados. De acordo com Safra (2006), essa interpretação vai constituindo nossa biografia, de modo que toda experiência, de modo direto ou não, interfere na próxima reinterpretação do mundo. Assim, cada paciente que procura pela psicoterapia expressa em seu modo de ser a sua história, aquilo que lhe aconteceu e o modo como foi afetado pelos eventos de sua vida. As psicopatologias, portanto, revelam também o fenômeno da existência, necessitando, portanto, serem explicitadas em seu modo de aparição e na situação hermenêutica em que se movem.

Tendo isso posto, podemos avançar para o nosso terceiro e último ponto a ser discutido, qual seja, a ideia de uma psicopatologia que se estabeleça em diálogo com as bases fenomenológico-hermenêuticas heideggerianas.

Alguns Fenômenos Psicopatológicos à luz da Fenomenologia Hermenêutica

Pode-se afirmar que a proposta pragmática, atórica e genérica do DSM, a qual vimos brevemente no início deste texto, ajusta-se à pretensão de controle e dominação técnicas na medida em que reduz a realidade a um conjunto de objetos mensuráveis e disponíveis, como se os sintomas e aquilo que acontece com o existente fosse passível de controle. Com isso, deixa de fora a experiência singular, além de desonerar e desimplicar o existente de seu próprio sofrimento, pois tudo o que passa a lhe ocorrer é visto como sendo decorrente de uma entidade nosológica que o acomete, como se esta fosse independente do existir e daquele que sofre. O problema desse modo, como adverte Rodrigues (2020), não é a possibilidade de se construir diagnósticos, mas, sim, a absolutização desse modelo e a redução de tudo a uma entidade abstrata que, ao fim e ao cabo, acaba por perder a experiência humana naquilo que lhe constitui de modo mais fundamental a partir do momento que procura neutralizar a estranheza frente a fenômenos que muitas vezes se apresentam como incompreensíveis. Nessa lógica, “o homem será reduzido a uma máquina, sua doença a um defeito e o clínico será percebido como o técnico, a quem cabe ‘consertar’ o objeto que apresentou um mal funcionamento” (Rodrigues, 2020, p. 107).

Contudo, uma concepção de psicopatologia de fundamento heideggeriano não tem a pretensão de reduzir os fenômenos psicopatológicos a doenças

pura e simplesmente, como se fosse algo que se passa no interior de alguém. Adoecer é um modo de organização e de realização da existência, como já afirmava Ludwig Binswanger, psiquiatra suíço que pode ser considerado pioneiro na tentativa de desenvolver uma psicopatologia a partir da analítica existencial heideggeriana. A partir da leitura de *Ser e Tempo*, Binswanger (1977) propõe que o que deve ser descrito na experiência psicopatológica é o mundo da pessoa em sofrimento, ou, mais especificamente, as alterações nos modos de espacialização e de temporalização que ocorrem em certas psicopatologias. Os sintomas de uma psicopatologia, portanto, são considerados por ele como a expressão de um modo peculiar de realizar a própria existência, um estilo de ser que teria como fundamento a estrutura ser-no-mundo descrita por Heidegger.

Vemos nessa proposta algum indício de abertura para um olhar que busque ir além de uma visão que compreenda a psicopatologia apenas como algo que acontece *dentro* de alguém, ou *em* alguém. Contudo, a despeito da influência heideggeriana, Binswanger deixa de fora de suas discussões alguns elementos fundamentais que alguns autores atuais (Casanova, 2021; Mattar, 2020; Rodrigues, 2020) têm destacado como sendo orientadores para uma compreensão de fenômenos psicopatológicos a partir dessa perspectiva, quais sejam, a nidade originária do ser-aí, a historicidade do mundo, bem como a dimensão hermenêutica do existir.

Um aspecto importante, já assinalado por Boss (1979) e por Heidegger (2001) é que adoecer é um modo em que se está, ao menos em alguma medida, privado de existir naquilo que lhe constitui mais fundamentalmente que é existir enquanto liberdade em relação ao que se mostra na abertura de mundo. Nas palavras do psiquiatra, “em qualquer doença, certas possibilidades de uma pessoa em relacionar-se com aquilo que encontra se tornam menos disponíveis do que outras” (Boss, 1979, p. 251). Isso quer dizer que, no adoecimento, há uma limitação e fechamento do existir à possibilidade de corresponder àquilo que lhe chega na abertura do aí. Estar doente, portanto, é uma limitação mais ou menos grave das possibilidades de relação que o existente humano pode manter com o mundo. Contudo, a tendência cotidiana ao fechamento não é, por si só, uma patologia, mas, sim, as radicalizações desse fechamento (Sá, 2017). Por essa razão, compreender em relação a quais aspectos a existência está fechada, ou quais evita e como faz isso, pode ser muito importante para a compreensão do que sustenta uma experiência psicopatológica. Existir de modo livre significa poder “se abrir para as possibilidades de reorganização constante que emergem precisamente da transitoriedade” (Casanova, 2021, p. 197). Em uma psicopatologia de fundamento fenomenológico-hermenêutico,

portanto, “uma existência é tanto mais saudável quanto mais ela for capaz de recobrar constantemente a transitoriedade que é a dela e quanto menos ela se vir condenado a modos calcificados de ser [...]” (p. 198). Assim, se a negatividade não tem como ser alijada da existência, acreditar que seria possível eliminá-la já revela perda de saúde existencial e, portanto, o início de um processo de adoecimento.

Contudo, Casanova (2021) defende que, para além de uma tentativa de evitar a indeterminação ontológica do existir, as psicopatologias se estruturam como redes constelacionais com uma dinâmica de fenomenologização próprias. Isso é possível, porque ainda que não se possa falar em modos naturais de ser, o horizonte histórico epocal de sentido permite alguns modos de organizações existenciais medianos, que orientam a maneira de organização corpo-espaco-tempo que configuram formas de adoecimentos específicos. Esses modos de organizações existenciais nunca são de um sujeito, mas, sim, constituem-se e se organizam a partir das sedimentações cotidianas, da epocalidade e das organizações constelacionais em jogo nos campos existenciais. Isso quer dizer que, na base de todos os problemas ônticos com os quais um psicólogo se depara, sempre estão ancorados no fundamento ontológico mais originário que é a condição de indeterminação (Casanova, 2021).

Nem sempre as saídas encontradas para lidar com essa condição se configurarão como aberturas para a apropriação da condição finita e histórico-temporal, como queria Heidegger. Algumas delas podem ser, inclusive, muito restritivas e trazerem o sentimento de dor, desespero, terror ou desalento, bem como o aprisionamento em que a liberdade existencial é perdida. Em muitos casos, ainda, a dimensão de indeterminação pode se mostrar mediante sua face aterrorizante ou desalentada, sobretudo quando o futuro não aparece como horizonte do próprio sujeito, mas como imposição violenta ou excessiva diante da qual pode haver o sentimento niilista de que nada faz sentido ou pode ser transformado. Em todo caso, prevalece uma espécie de indigência em relação à própria condição, a qual também pode cegar o existente em relação ao que está lhe gerando sofrimento.

Um dos modos de configurações patológicas mais presentes no campo da psicologia é a neurose, talvez por ela se configurar como a patologia que mais se adequa ao modelo de subjetividade moderna e ao horizonte técnico que diz que tudo pode ser controlado. Para Holzhey-Kunz (2018), o sofrimento neurótico seria “um tipo particular e um modo particular de experimentar o próprio ser e, de maneira correspondente, de sofrer com ele” (pp. 166-167). É como se o neurótico tivesse uma escuta aguçada para as questões ontológicas, sendo mais sensíveis a ela, de modo que, sendo sobrecarregado pelos temas ontológicos, ele sofre e padece dessa

sobrecarga. Para Casanova (2021), o neurótico tenta a todo custo alterar o modo de ser da existência, julgando-se capaz de corrigi-la e alterá-lo, uma vez que não suporta os anúncios de instabilidade inerentes ao existir. Contudo, dado que um controle absoluto sobre todos os âmbitos é impossível, o neurótico restringe o seu campo existencial a fim de tentar de êxito nesse projeto. Com isso, tenta garantir que ao menos em uma parte do todo ele seja capaz de controlar a negatividade. O problema é que, haja vista que a existência é transitoriedade, o neurótico precisa constantemente repetir suas ações de controle e de tentar suprimir o negativo, de modo que a cada vez mais a existência vai se fechando e se restringindo. Como diz Rodrigues (2020), a angústia, enquanto sofrimento, é decorrente do fechamento, o qual se mostra como resistência ao aberto e em aceitar o que se abre. Assim, a neurose pode ser vista também como um modo restritivo de lidar com a angústia quando ela não é aceita e acolhida na existência, algo característico do horizonte contemporâneo para o qual, “qualquer abertura para o *não sentir-se em casa* é rapidamente transmutada em problema a ser solucionado” (Mattar, 2020, p. 155).

Contudo, quem acredita poder e dever controlar tudo sofrerá muito quando a construção ilusória se romper. Como ressalta Holzhey-Kunz (2018), quando a angústia é reinterpretada como medo, em particular nos casos em que se trata de um medo considerado irreal, o que ocorre é um retorno desfigurado da angústia ontológica e nunca uma completa fuga desta. Rodrigues chama esse tipo de manifestação de angústia ligada à restrição de sentido como angústia psicológica, que seria na verdade angústia vivida como temor. Para ele, o temor, seja no *Transtorno de pânico*, no *Transtorno de Ansiedade Generalizada*, ou nas *Fobias*, sinaliza para uma tentativa de controle frente a ameaça originária de se deparar com a própria condição de desterro e estrangeiridade da qual não se tem como escapar de modo plenamente satisfatório. Nesse sentido, podemos entender esses modos de organização como adoecimentos neuróticos.

Embora o *Transtorno de pânico* tenha marcadamente a experiência do medo, algo muito presente nele é a ausência de familiaridade, de perda de referências, que apontam para angústia, para uma ruptura, uma crise na estabilidade do existir. O que acontece é que, nas primeiras crises, é comum a pessoa ter a sensação de que não sabe o que está acontecendo, sentindo que é acometida por algo ameaçador. Esse algo, contudo, é indeterminado, estranho. Posteriormente, todavia, muito rapidamente, essa estranheza vai se convertendo em medo, em uma tentativa de tornar aquilo familiar. Com isso, aquele pavor inespecífico ganha um nome e se torna medo de morrer ou de passar mal, ter algo fatal etc., tendo-se então a sensação de que ao menos algo naquela experiência tão inóspita pode

ser controlada (Rodrigues, 2020). É importante aqui lembrar que, para Heidegger (1927/2012), a angústia revela a verdade fundamental da nossa existência, a saber, que somos jogados no mundo e em nosso horizonte futuro mais próprio a morte sempre se faz presente. Assim, as crises de pânico, não por acaso, iniciam-se após situação de rupturas, como morte de alguém, desilusões amorosas, quebras de relacionamentos, sonhos ou de projetos (Rodrigues, 2020). Em muitos casos, essas experiências são sentidas como terror de morte, como se a existência se visse diante de um abismo desprovido de orientação futura.

Santos (2012), a partir de uma visão binswangeriana, apresenta a partir de um caso clínico o quanto o terror do pânico seria uma forma extrema de angústia, que se manifesta quando o existente humano se depara com o nada de fundamento de seu próprio existir, bem como quando percebe que seu modo atual de vida tem sido inautêntico e em alienação de si. A partir das considerações desse autor, o terror pela experiência de pânico pode ser compreendido como um afeto que se dá no confronto com o desterro humano e com a estranheza que daí emerge. Como diz Fuchs (2018), é como se tudo fosse afinado por essa tonalidade afetiva ameaçadora que aparece como algo *estranho*, perpassa e atravessa o espaço em sua totalidade com um “*poder* ameaçador, que *preenche* o que nos envolve, cuja aparição e atuação finais são antecipadas” (2018, p. 123, grifos do autor). Ou seja, no *Transtorno de pânico*, a angústia extrema não apenas acontece no momento de um ataque de pânico, como também é antecipada para o futuro, fazendo que a existência se mostre como ameaçadora, sem possibilidade de escoramento, por todos os lados.

Nesse sentido, os sintomas somáticos que acontecem numa experiência de pânico, nada mais são que um modo de corresponder àquilo que chega na abertura do aí que se é, uma vez que existir sempre é existir corporeamente, como diz Boss (1979). Dessa forma, como afirma Barbosa (2020), a partir de uma diálogo entre a fenomenologia-hermenêutica heideggeriana e a psicanálise, o corpo é afetação e pode também ser sentido como lugar de desabrigo, vulnerabilidade e precariedade. E justamente por isso, ele, assim como a existência, apela por habitação, podendo se constituir como lugar de abrigo. Contudo, consideramos que ao considerarmos os ataques de pânico como expressão de algo disruptivo e de uma angústia de morte, eles revelam corporalmente o atravessamento intrusivo e intenso pela experiência de estranheza que já não mais consegue ser mantida no velamento.

Já os chamados *Transtornos de Ansiedade*, assim como o *Transtorno de Pânico* se caracterizam por queixas de medo e angústia, porém, em casos como o *Transtorno de Ansiedade Generalizada*, por exemplo, essas são menos agudas do que as que acontecem

no pânico. Em quadros ansiosos geralmente estão presentes relatos de sensação de intranquilidade, um sentimento de sempre estar se sentido ameaçado de algo acontecer. Como consequência, a pessoa se lança em tentativas de controlar a possibilidade de emergência de uma doença, um revés e, no limite, da morte. Isso leva em grande parte dos casos a preocupações constantes que antecipam perigos e tentam a todo custo evitar que algo saia do que foi previsto, o que vai, por sua vez, aprisionando a existência em modos rígidos que, cada vez mais, vai perdendo sua liberdade, uma vez que tudo aquilo que parece ameaçar a ilusão de segurança é evitado (Rodrigues, 2020).

Por outro lado, a despeito dessas características descritivas dos quadros ansiosos que, em grande parte dos casos, acontecem mediante situações de rupturas com a familiaridade cotidiana, não se pode perder de vista a lógica patologizante em torno de quadros como esses, que acabam por reduzir a experiência ansiosa a uma identidade e a algo que se possui: “sou ansioso”; “tenho ansiedade”. Como destaca Evangelista (2023), as experiências angustiosas têm um potencial revelador da condição existencial, potencial este que pode ser perdido se os sentidos que subjazem tais experiências forem medicalizados e controlados em vez de serem confrontados e compreendidos.

Ademais, quando se fala em ansiedade, algo que não pode ficar de fora da discussão diz respeito às experiências características do mundo contemporâneo, em que prevalece um tempo estruturado em função das atividades de trabalho e de consumo, marcado por um excesso de demandas cotidianas que invadem a vida por todos os lados e sobrecarregam a existência que se vê impelida a elas corresponder. Os excessos, para Birman (2014), irrompem como algo que é da ordem de uma afetação intensa e traz, por isso, uma sensação de se estar diante do incontrolável e estranho que rompe com a estabilidade cotidiana e se impõe na existência. Para o autor, na contemporaneidade as pessoas estão cada vez mais à deriva dessas imposições dos excessos, o que leva, em muitos casos, a uma sensação de impotência, como se não fosse possível dar conta das requisições que chegam como avalanches e parecem muito maiores do que as possibilidades de lidar com elas.

Aliado a isso, a sociedade atual é marcada pela cobrança por desempenho e produção, na qual as pessoas, voluntariamente, exigem de si terem que fazer cada vez mais, terem melhores performances, de modo a escravizarem a si mesmas (Han, 2015). Por conseguinte, nem bem se finalizou algo ou algum projeto e já se impõe a necessidade de mais atividades, produtividade, permanecendo uma constante inquietação que, em muitas vezes, são denominadas como ansiedade. Um aspecto a ser considerado nesse cenário diz respeito à

naturalização da necessidade de conexão com celulares e computadores diariamente e a qualquer hora do dia, bem como acesso a notícias de catástrofes climáticas e ambientais, instabilidades políticas, emergência de grupos fascistas, guerras entre nações, bem como narrativas de tragédias cotidianas que podem contribuir para a experiência de ansiedade, uma vez que os riscos e a possibilidade de ruptura com a familiaridade parecem mais próximas, em especial, para grupos que diariamente sofrem com violência, assédio e preconceito racial. Assim, ainda que a ansiedade possa ser caracterizada e descrita como uma tentativa de controlar o incontrolável do existir, é preciso sempre levar em conta a situação hermenêutica de onde emerge a sensação de ameaça, pois, se no limite, como diz Boss (1977), a angústia é sempre pelo estar-aí e por aquilo que ameaça o existir, há também que se considerar que certos contextos, situações e acontecimentos podem deixar essa condição mais evidente.

Adentrando o universo das *Fobias* específicas, o medo também está presente, sendo que neste quadro a ameaça costuma estar dirigida a determinados objetos (animais, insetos, locais fechados, etc.) que, na maioria das vezes e racionalmente, não costumam oferecer riscos (Rodrigues, 2020). Segundo Casanova (2021), toda e qualquer neurose é um modo fóbico de lida com a negatividade, nas palavras do autor:

é porque ela [a neurose] jamais consegue desenvolver um comportamento senão aversivo em relação à insegurança, à incontrolabilidade, à imprevisibilidade, à falta de fundamentos últimos e à emergência de novos elementos que sempre fluem, que ela estrategicamente responde a partir de uma redução prévia do campo mesmo. (p. 234)

No caso da *Fobia*, essa indeterminação ameaçadora é reduzida e restringida a um objeto específico, criando-se a ilusão de que é possível se defender daquilo que rompe com a familiaridade, controlando de alguma maneira o elemento de estranheza.

Algo semelhante ocorre no *Transtorno Obsessivo-Compulsivo* (TOC), o qual, embora também se dê motivado pelo temor, leva a uma restrição mais intensa do que nas fobias, ou como denomina Rodrigues (2020), leva a um “estrangulamento existencial” (p. 167). Isso porque, aprisionado pelos rituais compulsivos que acontecem como uma tentativa de controlar as obsessões (pensamentos; crenças), a pessoa trava uma batalha infinita com o intuito de controlar a falta de previsibilidade da vida. Assim, a cada ato compulsivo procura-se o alívio para a sensação de ameaça sempre presente. Dessa maneira, enquanto nas fobias o elemento ameaçador está localizado em um ente específico do qual basta tentar fugir ou evitar, no TOC a pessoa acredita que seus rituais compulsivos podem afastar o mal. Tem-se, então, uma tentativa mais exacerbada de controle (Rodrigues, 2020).

Outra psicopatologia que tem um sentido muito conectado com a experiência de confronto com a realidade originária é o *Transtorno de Estresse Pós-Traumático* (TEPT), o qual se caracteriza por ocorrer mediante a irrupção de uma experiência abrupta e desagregadora, em que se perde de modo repentino e, em grande parte das vezes, violento, a segurança existencial. O TEPT está muito vinculado a experiências de ser assaltado, sequestros, acidentes automobilísticos, guerras e catástrofes naturais, experiências consideradas traumáticas e marcadas pela perda da segurança e intenso sentimento de medo e angústia. Cardinalli (2011), ao analisar falas de pessoas que passaram por violência urbana (assaltos e sequestros relâmpagos), mostra o quanto esse tipo de situação, na medida em que rompe com a familiaridade que sustenta a totalidade significativa que sustentava a vida da pessoa até aquele momento, pode levar a um aprisionamento existencial que não apenas se liga à experiência da violência, mas, sim, com a proximidade do risco e da vulnerabilidade do existir. Assim, a autora mostra o quanto as pessoas entrevistadas buscavam diariamente afastar a todo custo qualquer aproximação de imprevisibilidade, em uma tentativa de buscarem esquecer o ocorrido e com o desejo de que a vida voltasse a ser como antes. Essas tentativas, contudo, não tinham como serem eficazes por completo, uma vez que a situação vivida desvelou algo até então deixado no esquecimento, a saber, de que não apenas a violência é uma possibilidade do existir, como ela também traz à tona a condição finita que sustenta a vida. Assim, a autora destaca algo essencial para uma compreensão fenomenológico-hermenêutica do TEPT, a saber, que não é o evento traumático em si que gera o sofrimento e restrições, até porque, dado que somos seres-no-mundo e em situação, não há coisa em si, evento traumático em si, mas, sim, “a experiência de alguém situada em um contexto significativo que sofre o choque violento em um dado momento de sua vida” (Cardinalli, 2011, p. 128). Ela ainda acrescenta que “em geral, a experiência se caracteriza como traumática ao permanecer presente de algum modo e, assim, tudo o que foi vivido, em decorrência da ruptura, continua presente” (pp. 128-129). Essa presença se dá, sobretudo, em decorrência de um aprisionamento em que a pessoa busca, por muitos meios, se distanciar da experiência, evitando falar sobre ela, ou mesmo se esforçando para dela se esquecer, o que não é possível, uma vez que, inclusive, um dos sintomas do TEPT é justamente ser invadido por lembranças da situação traumática.

Segundo Casanova (2021), além das neuroses que se caracterizam por uma reapropriação da angústia pelo temor, há também as neuroses características dos modos de organização do corpo, tempo e espaço no mundo contemporâneo, a saber, a depressão e as neuroses do tédio. Assim, tendo em vista que na época caracterizada pela técnica moderna tudo vem a ser em um devir infinito e

vertiginoso no qual nada se retém, reduzindo-se a um caráter obsolecente e descartável, os espaços não têm como se constituírem como lugares, de forma que cada vez parece mais recorrentes relatos de desterro, de ausência de pertencimento à teia da vida e ao mundo partilhado comum. Sem poder experienciar o sentimento de habitar e construir morada, emerge uma dificuldade na capacidade de narrar as próprias experiências, dificultando com que elas sejam tecidas em fios de sentido que possam lhe conferir algum lugar na experiência humana (Critelli, 2012; Birman, 2014). Nesse mundo em que nada permanece e no qual não se pode habitar, há uma perda do vínculo originário com o próprio lugar de ser, com o espaço e tempos existenciais, perda essa que conduz a um mal-estar difuso que atravessa a existência em sua totalidade, revelando que a própria existência se tornou algo demasiado inosso e inóspito, vazia e suspensa, carente de relações e pobre de acontecimentos, entendendo aqui, acontecimento como algo inaugural e transformador.

O tédio, aliás, é apresentado por Heidegger (1930/2003) como uma tonalidade afetiva fundamental fática, pois possui um vínculo essencial com o modo de ser dos entes de nosso tempo atual. No mundo atual, o tédio está sempre aí, atravessando todas as experiências, de modo que se faz de tudo para não deixá-lo aparecer. Envolve-se em passatempos, diversões, viagens, trabalho, geralmente em uma lógica compulsiva, frenética que mais intensifica o deserto vazio da experiência. Com isso, emerge por um lado adoecimentos como estresse, *burnout*, depressão, sinônimos da sobrecarga e esgotamento que esse modo de correspondência engendra, ou então, vemos a emergência de uma compulsão, ou uma euforia superexcitada em busca de mais e mais elementos que venham fazer adormecer o tédio, com afirma Casanova (2021).

A partir da psicanálise, Birman (2014) diz que os sujeitos de hoje padecem do que ele chama de dor psíquica, que seria nada mais que a efetivação da experiência de desamparo extremo decorrente de uma insuficiência dos processos de simbolização e antecipação do perigo. Apesar do referencial epistemológico deste autor ser diferente do que estamos trabalhando, é importante observar um sentido semelhante em suas discussões, ao afirmar que a dinâmica do mundo contemporâneo leva à sensação de desabamento e impotência, uma vez que o existente se sente sem ajuda e sem recursos para lidar com aquilo que acontece em sua vida, haja vista a intensidade, velocidade e violência com que muitas situações chegam e, em vez de interpelarem, acabam por atropelarem. Assim, com a sensação de que sempre se está sendo acometido por algo inesperado, atravessado por uma angústia aniquiladora, são comuns as experiências de desamparo, de desistência desalentada, que lançam o existente à impotência. Quadros de *burnout* são

exemplos de algumas psicopatologias que se situam nesse horizonte experiencial em que o desalento vai se desenvolvendo gradativamente em meio a um processo de sobrecargas recorrentes, como se a pessoa estivesse nadando por horas em alto mar e já não vê mais possibilidade de encontrar terra firme para retornar e repousar.

A *depressão*, por exemplo, pode ser vista como a desistência de um projeto de controle, porém com apego aos caminhos não realizados, sofrendo por eles e por achar que é um fracasso de si mesmo. Ao mesmo tempo, a experiência depressiva é marcada pela solidão de quem tentou dar conta da sua existência, sente que falhou e foi insuficiente e agora se encontra sem referências, estando à deriva (Rodrigues, 2020). “Na depressão, o que parece tristeza é muito mais indiferença, desistência, abandono, renúncia ao propósito, deixar-ser” (Mattar, 2020, p. 136), uma vez que se o passado aparece como aquilo que não pode ser mudado e trouxe frustração, o futuro é visto como impossibilidade, pois se tem certeza de que nada mais poderá ser realizado. Todavia, algo digno de destaque assinalado por Birman (2014) é a mudança, ao longo do tempo, em um dos principais sintomas caracterizadores da depressão, a saber, a culpa. O autor diz que, no século passado, o desânimo característico do quadro depressivo era fruto de um sentimento de culpa em que a pessoa dirigia a si mesma uma série de acusações cruéis e violentas. Na atualidade, todavia, o que mais marca as narrativas depressivas não é a culpa, mas, sim, o vazio de sentido, a perda de vitalidade e da capacidade de se envolver com as pessoas. Nesse contexto, podemos pensar esse desânimo esvaziado em conexão com a experiência de inospitalidade em que o existente humano não consegue ver e ter um horizonte de sentido no qual a existência possa se projetar, bem como não se vê abrigada em algum lugar em que possa habitar e permanecer. Sem poder tomar posse da própria historicidade, sem origem e sem destino, é comum, em alguns relatos, o sentimento de não existência, de morte em vida.

Por outro lado, Mattar (2020) também ressalta que os quadros de depressão e o desalento neles presentes, podem ser vistos também como um modo de resistência à lógica desenfreada da técnica. Para a autora, o depressivo pode ser considerado, a partir dessa perspectiva, como aquele que, de algum modo, viu que a vida produtiva e do consumo, com sua ilusão de felicidade e sucesso, não passa de um castelo de areia diante do qual se responde com impotência à lógica esmagadora da potência sem limites valorizadas pela técnica.

Por fim, mas sem a pretensão de esgotar a apresentação dos vários modos possíveis de se compreender algumas psicopatologias atuais, serão aqui resumidamente apresentadas outras formas de sofrimento que se articulam também com o nosso horizonte epocal.

Nesse cenário destaca-se o fenômeno descrito por Casanova (2021) de crise radical da identidade, típico da contemporaneidade e decorrente da obsolescência dos espaços técnicos e de sua inviabilização para que algo seja e perdure. A sensação de que nada perdura, aliada à experiência de esvaziamento existencial descrita anteriormente, pode favorecer a um movimento de busca por identidades a qualquer preço. Dessa forma, não é fortuita a difusão de diagnósticos na atualidade, em que é comum a observação de pessoas expondo publicamente seus diagnósticos, tratamentos e medicações. É como se houvesse certo orgulho em “ser” aquele diagnóstico com todas as características identitárias que ele traz, quase como se os diagnósticos tivessem se tornado qualidades predicativas daquilo que se é. Além disso, como ressalta Mattar (2020) e Cabral (2021), o devir desenfreado típico do momento histórico atual vem sendo um solo fértil para o surgimento de visões de mundo totalitaristas, que tentam reter uma identidade unificada, pura e, com isso, afastar violentamente todo e qualquer tipo de diferença. Para Cabral (2021), parte disso acontece porque na lógica da sociedade do desempenho, o existente humano é atomizado do todo da vida humana, não se sentindo em uma relação de interdependência com outras pessoas e com o mundo ao ser redor. Para o autor, os devires desenfreados levam as pessoas a uma exaustão, tornando-as vidas mortas. E em meio a esse mal-estar buscam-se culpados pelo padecimento da existência, como bem aponta Mattar (2020) ao destacar que:

o despontar dos fanatismos religiosos e fascismos políticos, que ganham força hoje, retoma com violência as identificações sólidas, procurando recolocar cada coisa no seu lugar, definindo verdades sobre família, sexualidade, gênero, raça, ecologia, direitos humanos etc., que ganham terreno no afã de abafar qualquer experiência de indeterminação, precisamente o que define a essência existencial humana. (Mattar, 2020, pp. 155-156)

Todo esse contexto exige da clínica contemporânea novos modos de cuidado em um mundo que se faz cada vez mais racionalizado e planejado. Marcado pelo excesso de nomeação e de explicações teóricas que visam a tudo responder, o *ethos* da condição humana parece cada vez mais na berlinda. Por isso, concordamos com Safra (2006) quando o autor diz que, nesse cenário, emergem formas de sofrimento que solicitam que “as condições ontológicas da condição humana sejam contempladas na situação clínica” (p. 21). Consideramos que a compreensão das psicopatologias a partir desse lugar abre espaço para ações e posicionamentos clínicos mais condizentes e compatíveis com as características dos sofrimentos que marcam o mundo atual.

Considerações Finais

Tendo em vista o objetivo deste artigo de discutir os fenômenos psicopatológicos à luz de uma psicologia fenomenológico-hermenêutica de fundamento heideggeriano, buscou-se apresentar como alguns dos transtornos mais relatados pelos pacientes no cotidiano da clínica psicológica, quando escutados no sentido que desvelam, não podem ser reduzidos a uma lista descritiva de sintomas. Assim, se por um lado, a perspectiva atórica e pragmática do DSM pode favorecer a comunicação e diálogo entre profissionais e pesquisadores, por outro, acaba por obscurecer o sentido para onde apontam certas experiências psicopatológicas, sentidos esses que se clarificados e compreendidos podem auxiliar a pensar em modos possíveis de cuidado e intervenções clínicas para esses casos. Além disso, foi observado que muitos dos fenômenos psicopatológicos descritos são desveladores da angústia mobilizada pelo confronto com a condição ontológica de indeterminação e a conseqüente tentativa de fuga e evitação desta. Tal percepção leva a pensar qual é o lugar dado à angústia no mundo contemporâneo, marcado pela necessidade de controle, previsibilidade e pela cultura do sucesso e felicidade. Afinal, se existir é inevitavelmente ser confrontado com a angústia, o que é feita da condição humana quando ela é silenciada?

Ademais, em uma visão de fundamento heideggeriano, não há doença em si, psicopatologia em si, mas modos de adoecer e sofrer que sempre devem ser pensados a partir das situações específicas em que emergem e se mantêm, bem como dos fundamentos ontológicos da existência e dos horizontes históricos em meio aos quais a vida acontece. Com isso, é preciso considerar que as psicopatologias são sempre diversas em suas particularidades específicas e no modo como se concretizam em cada existência, sendo, talvez, uma ontologia particular em que se tenta responder à indeterminação fundamental em que a existência reside.

Cabe salientar, ainda, que este texto não teve a pretensão de esgotar a apresentação dos fenômenos psicopatológicos possíveis, mas trazer exemplos que auxiliem a compreender a especificidade da leitura fenomenológico-hermenêutica para tais fenômenos. Essas caracterizações, todavia, são apenas orientações para que traços estruturais comuns possam ser vistos, sem qualquer objetivo de normatizações ou definições rígidas.

Por fim, é importante aqui também destacar a necessidade de que trabalhos futuros também tragam em suas discussões psicopatologias que residem no campo das chamadas psicoses, bem como os quadros considerados *limites*, como é o caso do *Transtorno de Personalidade Borderline*, que povoam boa parte das clínicas psicológicas atuais

e não tiveram como serem abordados. Além disso, o horizonte de pesquisas atuais não pode deixar de considerar que a clínica atual traz formas de sofrimento e sintomatologias novos, muitas delas marcadas pela apatia, vida sem desejos, queixas que não gritam, mas, sim, manifestam-se silenciadas. Discutir com mais profundidade esses modos de ser pode contribuir para práticas clínicas que possam corresponder a eles de modo mais sensível.

Referências

- Barbosa, C. G. (2020). *Habitar o inóspito: a condição humana de desabrigo a partir de Martin Heidegger e Sigmund Freud*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Civilização Brasileira.
- Binswanger, L. (1977). *Três formas de existência malograda: extravagância, excentricidade, amaneiramento*. Zahar Editores.
- Borges-Duarte (2022). Situação hermenêutica e projeto de mundo: habitar como? In E. Dutra. (Org.) *Sufrimento e historicidade: o desamparo ético-político na contemporaneidade* (pp. 11-28). Via Verita.
- Boss, M. (1977). *Angústia, culpa e libertação*. Duas Cidades.
- Boss, M. (1979). *Existential foundations of medicine and psychology*. Jason Aronson.
- Cabral, A. M. (2021). *Compaixão e revolta: sobre sofrimentos e corpos vulneráveis no mundo da iniquidade*. Via Verita.
- Caldas, M. T. (2009). Psicopatologia, Fenomenologia e Existência. Em H. T. P. Morato; C. L. B. T. Barreto, C.L.B.T. & A. P. Nunes, A. P. (Orgs.). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológico-existencial: uma introdução* (pp. 52-64). Guanabara Kogan.
- Cardinalli, I. E. (2011). *Transtorno de Estresse Pós-Traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Casanova, M. A. (2021). *Existência e transitoriedade*. Via Verita.
- Critelli, D. M. (2012). *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. Educ: Fapesp.
- Duarte, A. (2010). Heidegger e a linguagem: o acolhimento do ser como acolhimento do outro. Em A. Duarte, A. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault* (pp. 381-411). Forense Universitária.
- Evangelista, P. E. R. A. (2023). É possível eliminar a ansiedade? Ensaio em Psicologia Existencial. Em C. L. Cardoso; J. P. Giovanetti & P. E. R. A. Evangelista (Orgs.), *Sufrimento existencial e clínica psicológica fenomenológica: ensaios e pesquisas sobre atendimento online* (pp. 83-110). Artesã.
- Fuchs, T. (2018). *Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico*. Via Verita.
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. Educ; Vozes. (Originalmente publicado em 1987).
- Heidegger, M. (2003). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1930).
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, 5(3), 375-398. (Originalmente publicado em 1954). <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>
- Heidegger, M. (2011). *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica*. Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1922).
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Editora Unicamp; Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1927).
- Holzhey-Hunz, A. (2018). *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia* (Trad. Marco Antonio Casanova). Via Verita.
- Mattar, C. M. (2020). *Depressão: doença ou fenômeno epocal?* 1.ed. Via Verita.
- Messas, G. P. (2008). *Psicopatologia fenomenológica contemporânea*. Roca.
- Pereira, M. C. (1998) Formulando uma psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1 (1), 60-76. <https://doi.org/10.1590/1415-47141998001005>
- Rodrigues, J. T. R. (2020). *Angústia e serenidade: a psicopatologia contemporânea em diálogo com Heidegger*. 1.ed. Via Verita.

Sá, R. N. (2017). *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. 1.ed. Via Verita.

Safra, G. (2006). *Hermenêutica na situação clínica: o despertar da singularidade pelo idioma pessoal*. Edições Sobornost.

Santos, G. A. (2012). O. A espacialidade na compreensão do transtorno do pânico: uma análise existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (2), 197-205.

Caroline Garpelli Barbosa. Endereço: Rua General Pereira da Silva, 131. Bloco 1, apto 301. Icaraí, Niterói-RJ. CEP: 2420-030. Email: cgarpelli@id.uff.br

Recebido em: 26/06/2024

Primeira decisão editorial em: 31/08/2024

Aceito em: 31/08/2024